

Ripa

Cidade da Bioenergia

Roberta Salgado G. da Silva

O PRESIDENTE da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Silvio Crestana em entrevista ao Portal Ripa,, avaliou a Rede Ripa e comentou sobre a Cidade da Bioenergia, que deverá ser construída em São Carlos (SP). O presidente revelou a possibilidade de fazer parcerias com China, Índia e Coreia do ponto de vista científico. O gigante asiático está interessado na mandioca como fonte de energia.

PORTAL RIPA: Como o projeto Ripa pode ser avaliado?

CRESTANA: A Ripa foi muito importante para a Embrapa. O plano diretor estratégico da Embrapa e das unidades foram construídos a partir das informações e cenário gerados na Ripa. Isso é de uma importância prática muito grande. É um projeto que deve ter continuidade para organizar e transformar a base de informações do Sistema Nacional de Pesquisa (SNPA) em empreendimentos nas cinco regiões do Brasil. A Cidade da Bioenergia pode ser um exemplo para a Região Sudeste, em que se aglutinariam conhecimentos com o setor privado. A interlocução da Ripa, da Embrapa e da USP é interessante, mas o recurso vem da mesma fonte, do imposto, seja ele federal ou estadual. Precisaremos fazer mais inovação que só aquela financiada pelo setor público. Ficaria faltando a mobilização do setor privado. A Ripa tem esse propósito.. A lei de inovação propicia a criação de Empresas de Propósito Específico (EPE) e Parceria Público Privada (PPP). A grande meta e os desafios são de mobilizar atores para se construir

uma parceria com o setor privado e mostrar essa viabilidade daqui a três ou quatro anos.

PORTAL RIPA: E o interesse do pres. Lula pelo projeto da Cidade da Bioenergia ?

CRESTANA: Ele tem interesse, mas solicitou um projeto executivo. O projeto foi providenciado pela prefeitura e entregue ao presidente. A proposta é começar a partir de 2010. A decisão de fazer a Agrishow em 2010 em São Carlos é da Abimaq. Ela precisa que a Embrapa disponibilize uma área de 240 hectares e a prefeitura faça as obras necessárias. O comodato seria de 50 anos, renovável por mais 50 anos.

PORTAL RIPA: O que é feito hoje na área a ser cedida ao projeto?

CRESTANA: A Embrapa Pecuária Sudeste trabalha com a pecuária intensiva e extensiva. A área é utilizada principalmente para experimentos com a pecuária extensiva. Do ponto de vista científico estavam sendo feitas análises de compactação de solo nas duas situações, bem como a comparação da micro e macro faunas.

PORTAL RIPA: Em que consiste a Cidade da Bioenergia?

CRESTANA: Ela terá uma feira permanente, chamada de “vitrine tecnológica”, que mostrará os projetos de ponta de agroenergia e bioenergia nos aspectos econômico, social e ambiental. É uma pretensão muito grande de um país que quer ser líder mundial, não só hoje na produção de etanol, mas também na produção de conhecimento de energia. A energia renovável é uma matriz que tem o etanol,

o biodiesel, o aproveitamento de resíduos, as florestas energéticas, a energia eólica, solar e geotérmica.. Há várias formas possíveis de energia, algumas mais comerciais, outras menos, mas todas são opções importantes. Do ponto de vista científico quais as opções e os caminhos? A proposta é colocar a nossa rede de pesquisa em agroenergia à disposição da sociedade. Isso significa trazer resultados de pesquisa, fazer experimentos e mobilizar a competência da Embrapa e do sistema cooperativo de pesquisa.

PORTAL RIPA: Onde ocorre a demonstração de energias alternativas no Brasil ?

CRESTANA: O Brasil não tem um local para mostrar as alternativas energéticas, os sistemas sustentáveis de produção de energia, as culturas e plantas, as máquinas e equipamentos para produzir e transformar a biomassa em energia. Isso está disperso na usina, na área de produção de cana, ou no caso do biodiesel, numa área de mamona, soja e pinhão manso. Se pensarmos em floresta energética, procuraríamos também algum lugar. Se o Brasil deseja ser líder em agricultura tropical e ainda em energia renovável e bioenergia, teremos de reunir, num mesmo local, várias competências, a científica e a tecnológica de primeiro nível. Tanto que a Embrapa criou o Centro Nacional de Agroenergia, com sede em Brasília e ramificações no Brasil. Reforçaremos o ramo de São Carlos. Precisamos da competência do setor privado, que sabe produzir e construir máquinas e equipamentos. E temos que ter, o ambiente para que a



sinergia aconteça, uma região com universidades, centros de pesquisa, infraestrutura e logística.

PORTAL RIPA: A exemplo da parceria entre a Embrapa, a FGV e a Esalq na criação do mestrado em agroenergia, poderia ocorrer algum tipo de formação de recursos humanos na Cidade da Bioenergia?

CRESTANA:. Não há contradição entre o curso envolvendo a Embrapa, a Esalq e a FGV com a Cidade da Bioenergia. O curso não é local, é nacional.

PORTAL RIPA: O investimento da Embrapa Instrumentação Agropecuária em um novo laboratório de agroenergia se casa com esse projeto?

CRESTANA: Temos um Centro Nacional de Agroenergia, com ramificação em vários centros. Existe uma rede de agroenergia na Embrapa por meio de seus centros de pesquisa. No caso da Embrapa Instrumentação, há um acúmulo de conheci-

mento, métodos, técnicas, equipamentos e competências. Estamos fazendo núcleos de agroenergia distribuídos pelo País. Com a Cidade da Bioenergia, daríamos um salto em organização. Em vez de uma unidade da Embrapa fazer uma pesquisa, buscar recursos, competências ou consultorias e depois procurar o setor privado para transferi-la, tudo estaria organizado num mesmo local. Essa sinergia em energia será importante.

PORTAL RIPA: A crise econômica pode interferir no PAC da Embrapa?

CRESTANA: Não desejaria retirar uma vírgula do que assumimos como compromisso. Manterei firme a decisão. Implementamos em 2008 e preparamos para 2009. Negociamos o próximo orçamento da mesma maneira.

Não falamos dos bilhões necessários para movimentar a economia e evitar problemas nos setores bancário, financeiro, na construção civil. Falamos de uma escala de valores menores. E no caso da Embrapa, em particular, como o presidente Lula ofereceu o PAC, ficaria surpreso se algum projeto sofresse algum prejuízo.

PORTAL RIPA: Da sua visita a China, Índia e Coréia, quais as perspectivas de parceria da Embrapa?

CRESTANA: As perspectivas são excelentes tanto do ponto de vista científico quanto comercial. Se olharmos a Índia, de lá veio a manga e o rebanho bovino de base zebuína, que deu notoriedade ao Brasil. Partimos das raças indianas para construir o nosso nelore, guzerá, caracu etc. Isso tem uma importância enorme devido à diversificação da nossa matriz genética. Hoje, trabalhamos com uma abertura de genes e temos feito os nossos cruzamentos em torno disso. Ampliar

essa gama de genes é fundamental para a sanidade e a qualidade do rebanho, mas também para o melhoramento genético. Temos muito que aprender com a agricultura familiar na Índia, pois 60% dos agricultores indianos têm menos que um hectare (10 mil metros quadrados). Uma agricultura com esse tipo de convivência é única no mundo. Na China, 800 milhões de habitantes, ou quatro Brasis, estão na área rural. Em genética e biotecnologia, esses três países estão muito bem desenvolvidos. A Coréia tem interesse em cogumelos e energias alternativas. Em relação ao Japão e à Coréia há interesse em mecanização e automação. E no caso da China e Índia, o interesse é por pequenas máquinas, tratores e implementos.

PORTAL RIPA: Já foi fechado algum acordo nesta viagem?

CRESTANA: Brasil e China se uniriam para fazer a genômica da mandioca. A China está interessada na mandioca como fonte de energia. Existe uma decisão interna na China que não se pode produzir energia a partir de fontes alimentares como cereais, mas se for uma planta exótica como a mandioca, não há problema. Se ajudarmos os seus países fornecedores, estaremos ajudando a China. Como benefício para nós, onde a mandioca tem origem, eles estão muito bem aparelhados para fazer o sequenciamento da mandioca. Com a China, existe um grande interesse em se fazer a genômica da mandioca. A mandioca é uma cultura não só de pessoas pobres, mas de países pobres. É uma cultura da nossa região que foi à África e também está na China indiretamente. Não é produzida lá, mas eles compram fécula de mandioca de outros países, como Tailândia e Indonésia. Se esperarmos que os países desenvolvidos façam a genética da mandioca, isso não vai acontecer, pois não há interesse. A genética da batata sim, pois está em todo lugar, no Mc Donalds, mas a mandioca não. ■